

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17149 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

ADULTOCENTRISMO E BEBÊS: UM REGIME SABER-PODER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Vanin Chaves - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

Vinicius Bertoncini Vicenzi - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

ADULTOCENTRISMO E BEBÊS: UM REGIME SABER-PODER NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO: Esse resumo expandido é parte de uma revisão bibliográfica de uma pesquisa de mestrado em andamento que busca compreender como as relações ético–afetivas incidem na prática pedagógica com os bebês a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. Objetiva pensar aqui como o adultocentrismo envolve as relações entre pedagogas e bebês, como apodera-se do ambiente modulando os bebês, favorecendo circunstâncias exaustivas, persistindo na ausência de afetos e do vivenciar experiências. O presente resumo busca lançar, assim, algumas questões a respeito de pensar as práticas pedagógicas com bebês a partir de uma concepção que permita perceber as suas ações e os seus desenvolvimentos desde a sua diferença imanente, como uma singularidade pré-individual.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês. Adultocentrismo. Práticas pedagógicas. Filosofia da Diferença. Singularidade.

No contexto educacional em que estamos inseridos, o discurso e a ênfase no adultocentrismo ainda perpassam grande parte da Educação Infantil. São práticas pedagógicas que afastam as pedagogas dos bebês, impedindo de experimentar os afetos e de conhecê-los. O adultocentrismo convoca um pensamento e um discurso “para” ou “sobre” a infância e, por conseguinte, “para” ou “sobre” os bebês. Isso favorece o binarismo adulto/criança, amparado em um dualismo que pouco contribui para pensarmos práticas pedagógicas significativas com os bebês (Kastrup, 2000). Representam um regime de saber-poder moderno que, colonial, ainda acaba por restringir as potencialidades de pensar os bebês enquanto força de vida.

Este resumo é parte de uma revisão bibliográfica de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem por objetivo problematizar as relações de afeto vivenciadas nos diferentes espaços da Educação Infantil, utilizando das potencialidades da cartografia. Busca problematizar, assim, as práticas pedagógicas centradas no adultocentrismo, e assim, ser uma forma de repensar nossas ações como educadoras. Ajuda-nos a buscar ressituar uma prática de Educação Infantil, dando visibilidade a novas abordagens, valorizando os bebês e “percebendo o seu campo de visão, a sua forma de se movimentar naquele espaço, as formas que esse espaço adquire para alguém com a altura dos bebês” (Tristão, 2004, p. 85).

Não se trata aqui da produção de novas palavras ou de “transformar” a sociedade, colocando sobre os pequenos ombros dos bebês ideais de processos subjetivos posteriores. O objetivo da pesquisa é caminhar em busca de sairmos dos modelos tradicionais que fortificam

uma sociedade adultista. Essa problematização pretende diminuir os atos que inferiorizam os bebês, diminuindo-os, excluindo-os e inviabilizando seus sentimentos e linguagens. Trata-se, ainda, de compreender a maneira que os bebês enxergam e interagem com o mundo. Busca-se pensar a forma com a qual interagimos, pautada na perspectiva de cartografar suas relações ético-afetivas, delineando os movimentos dos corpos e de seus afetos em uma perspectiva deleuziana. Um olhar filosófico que viabilize perceber as dimensões afetivas dos bebês, preparando um ambiente para receber suas necessidades.

Muitas vezes, a ação do adulto no contato com o bebê é de intervenção, mudando o significado que ele estava dando a sua experiência, atuando sobre a sua ação, seja movendo-o do lugar onde está, chamando sua atenção com as palavras, dando nomes ao que faz, impedindo o curso do movimento, e de tantas outras formas. (Guimarães, 2008, p. 24).

Na perspectiva de Guimarães (2008), o adultocentrismo é abordado como a ação que subestima a capacidade dos bebês, não abrindo espaço para os sentidos que emergem das relações e de suas ações. Nesse contexto, não possuem liberdade para explorarem e movimentar-se de acordo com suas capacidades, possuindo intervenções desnecessárias dos adultos. É preciso lembrar que “os bebês ainda não falam sobre si, mas percebem-se (inclusive pela via sensorial, além da mental e discursiva) de diferentes maneiras e já podem fazer várias coisas consigo mesmos” (Guimarães, 2008, p. 21).

De acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 70), as práticas do adultocentrismo excluem as possibilidades de transformação, que seriam como encontros marcados por uma linha de fuga aberta e intensa. Os filósofos destacam que estas consistem em colocar os bebês no centro do processo, compreendendo-os como aquilo que não pode ser posse ou moldado pela sociedade, já que estão aquém dos processos de subjetivação, são ainda uma singularidade pré-individual. Embora seja crucial a valorização do devir-criança na EI, os centros de educação muitas vezes exigem que as pedagogas sejam eficientes ao proporcionar uma diversidade de atividades, o que pode levar a um cenário no qual as interações afetivas são negligenciadas. Trata-se, em um primeiro momento, de silenciá-los, de querer “enquadrar” os seus choros a partir de dispositivos, como “chupetas”, ou anestesiadores, como vídeos ou outros recursos audiovisuais. Nessa visão, prevalece o pensamento de que os bebês precisam de uma normatização, calcada em rotinas e cuidados. Não negligenciamos, por óbvio, o fato de que tais aspectos compõem a interação entre adultos e bebês nos espaços da Educação Infantil. Contudo, é preciso pensar de que modo se estabelecem essas rotinas e cuidados, a partir de que ritmos, de que intensidades de tempos, de qual controle dos tempos.

Pensar o adultocentrismo é discutir, assim, um viés que delimita as práticas afetivas e as experiências que o ambiente pode proporcionar aos bebês. É levantar questões sobre a possibilidade dos bebês serem colocados em ambientes entediantes, sob uma pressão constante por obediência. Quando abordamos o adultocentrismo como delimitador de ações e experiências referimo-nos a um viés que não nos permite enxergar nos bebês suas magnitudes, a maneira como querem e precisam explorar o ambiente, a forma que seu corpo e gestos falam por si, suas diferenças imanentes. É importante destacar que a realidade, muitas

vezes, não permite que as educadoras parem e observem os bebês e presenciem as ações fascinantes, as cenas encantadoras, desconsiderando, assim, a existência de bebês com características expressivas distintas. No lugar de procurar entender e aceitar as diferenças e semelhanças, atribuem-se aos bebês modos de pensar moldados a partir das idealizações dos adultos.

Nesta conjuntura, na qual muitas educadoras se encontram, é fundamental olhar para as práticas pedagógicas com perspectivas renovadas. Para muitas delas isso significa romper com os paradigmas enraizados em nosso sistema educacional, no qual os bebês são frequentemente vistos como propriedades dos adultos, aos quais já devem obediência desde o nascimento. Não se critica aqui as práticas adultocêntricas por si, sintomáticas de um processo histórico, mas apenas se questiona a continuidade desse pensamento nos Centros de Educação, não propiciando oportunidades para uma melhoria do dia a dia através de práticas alternativas já consolidadas que podem ser aplicadas com os bebês. Há uma certa sensação de que a educação não está preocupada em compreender como afetamos os bebês e como eles nos afetam, preparando um ambiente propício para tal, proporcionando condições para que se relacionem e vivenciem o espaço, capaz de seus corpos explorarem com gestos e afetos. Dessa forma, questionar as práticas do adultocentrismo que impactam a Educação Infantil incide sobre a ideia de levantar questões e de encontrar um novo início e uma outra política da infância, enfatizando um cuidado respeitoso no qual cada bebê é visto como um ser único, com seu próprio ritmo de individuação e desenvolvimento. Defender uma pedagogia capaz de dar voz aos bebês, de poder ver os seus agenciamentos a partir de suas ações, é, assim, poder dar tempo, som, espaço à minoridade. Ao reconhecer a vida que atravessa os bebês, a pura potência da vida torna-se revolucionária para práticas pedagógicas que preferem ver ali sinais de individualidades.

Pensar em novas práticas, portanto, a partir de um discurso devir-criança, é estudar as redes que constituem a infância, a fim de compreender os movimentos entre os planos de imanência e organização dos bebês. Não é estudar o indivíduo, assim como não é estudar nenhuma verdade objetiva dada *a priori*. De acordo com Deleuze e Guattari ([1980] 1997, p.77), é estudar o devir: “É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário, um devir.” Não há a intenção, aqui, de encerrar essa discussão, mas simplesmente abrir espaço para refletirmos sobre os paradigmas presentes na Educação Infantil, destacando a importância de transformá-la de maneira significativa. A temática aqui abordada possui uma grande relevância, visto que influencia as práticas educacionais e as relações sociais. Tratou-se de questionar as experiências que os bebês trazem em potência, compreendendo-os como um mistério que vem a romper narrativas, sendo assim, liberdade e vigor. Em conclusão, contribui para uma discussão acerca da educação, ofertando uma visão de reimaginá-la como ação transformadora, afastada dos ideais adultocêntricos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. & Guattari, Félix. (1997). **Devir intenso, devir animal, devir imperceptível**. Em G.

Deleuze & F. Guattari (Orgs.), Mil platôs (Vol. 4). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia** . São. Paulo: Editora 34, 1997. v. 4

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro : técnicas corporais, responsividade, cuidado** / Daniela de Oliveira Guimarães ; orientadora: Sonia Kramer. – 2008.

KASTRUP, Virgínia. Devir-criança e cognição contemporânea. **Psicol. Relex. Crit.**, Porto Alegre, v.13, n. 3, p. 373-382, 2000.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser Professora De Bebês: Um Estudo De Caso De Uma Creche Conveniada**. 2004.